

ENTRE MUNDOS E MELODIAS: ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA EM *O MÚSICO*, DE HELOÍSA PRIETO**BETWEEN WORLDS AND MELODIES: ANCESTRY AND RESISTANCE IN *O MÚSICO*, BY HELOÍSA PRIETO****DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19787****Luciana Ferreira Leal¹**

PRIETO, Heloísa. *O músico*. Trad. Victor Scatolin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024. 192p.

Introdução

O Músico, de Heloísa Prieto, é uma obra de camadas poéticas e simbólicas que entrelaça música, mitologia e saberes ancestrais numa narrativa marcada pelo realismo fantástico e pelo hibridismo cultural. Acompanhando Thomas, um jovem músico sensível aos sons do invisível, o romance propõe uma jornada de autodescoberta e pertencimento em diálogo com culturas indígenas, especialmente a sabedoria Guarani e com críticas ao pensamento ocidental moderno e colonial. A construção narrativa, intercalada com excertos de diário, convida à suspensão das fronteiras entre real e imaginário, em uma proposta literária que valoriza a diversidade, a escuta e a arte como força transformadora. Marlui, personagem indígena, é central nessa travessia intercultural e política, desafiando hierarquias de saber e ressignificando mitos clássicos como o de Orfeu e Eurídice. A obra se inscreve no campo da literatura fantástica brasileira contemporânea, propondo uma visão de mundo relacional e decolonial, onde a arte é linguagem de conexão e resistência. Com estilo refinado e sensível, Prieto entrega uma fábula sobre a escuta do outro, a força dos saberes ancestrais e a potência libertadora da criação artística.

A análise desenvolvida nesta resenha adota uma abordagem qualitativa de base interpretativa, fundamentada em referenciais da crítica pós-colonial e dos estudos da literatura fantástica. Foram selecionados trechos que exemplificam a presença do hibridismo cultural e da descolonização do saber, buscando evidenciar como a obra articula arte, ancestralidade e resistência.

¹ Doutora em literatura e vida social, Professora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-Paranavaí). E-mail: luciana.leal@unespar.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7139-6765>.

Resenha analítica: *O Músico*, de Heloísa Prieto

Em *O Músico*, Heloísa Prieto constrói uma narrativa mágica e poética, entrelaçando ancestralidade, música e mitologia em uma história sobre sensibilidade, pertencimento e resistência. Composto por 50 capítulos e 11 excertos do Diário de Thomas, o livro mistura prosa e reflexões poéticas, ampliando as camadas de sentido da obra.

A história acompanha Thomas, um jovem músico cujo talento transcende o comum: desde a infância, ele é cercado por seres musicais invisíveis, cujas melodias secretas alimentam suas composições. Logo no início, no excerto que abre o livro – Quatro Segredos – o leitor é convidado a questionar as fronteiras entre real e imaginário: “Para ver o mundo como ele realmente é, deixa de lado palavras como ‘estranho’, ‘real’ ou ‘imaginário’.” (p. 11) Esse convite à suspensão dos julgamentos racionais permeia toda a obra, sugerindo que a verdadeira percepção do mundo só é possível quando se liberta das categorias fixas e se abraça a fluidez entre mundos visíveis e invisíveis.

A relação entre arte e realidade em *O Músico* dialoga com a concepção de realismo fantástico, conforme definido por Wendy B. Faris (2004). Para Faris, o realismo mágico ou fantástico rompe a percepção ocidental linear e cartesiana de realidade, inserindo elementos sobrenaturais de forma naturalizada dentro da narrativa. Essa fusão entre visível e invisível cria um pacto de suspensão (Todorov, 2007), no qual o leitor oscila entre acreditar e duvidar, condição essencial à literatura fantástica.

O primeiro capítulo, Segredo Sonoro, já apresenta Thomas em crise: “Thomas estava à beira de uma crise de pânico. Tudo parecia loucamente fora de controle.” (p.13) Esse início coloca o leitor diretamente dentro da mente ansiosa do protagonista, antecipando a tensão entre seu dom e o peso de sua singularidade. Thomas, desde bebê, ouve e vê sombras sonoras que dançam e inspiram suas melodias, mas ele logo percebe que essa relação com o invisível o isola do resto do mundo: “Levaria anos para ele perceber que outras crianças, muito menos adultos, não conseguiam ver ou ouvir seus doces amigos melódicos.” (p.14)

Essa relação entre arte e solidão é um dos fios condutores da trama, dialogando com a tradição de artistas e trovadores vistos como figuras limítrofes entre o humano e o divino – ou o amaldiçoado.

No capítulo André e Manuel, o leitor é apresentado aos irmãos especiais, cujos brinquedos desmontados e reconstruídos parecem ganhar vida própria: “Os brinquedos meio que se recriavam sozinhos, como que por música.” (p. 22). Aqui, Prieto tece uma bela metáfora

sobre criatividade e improviso: a arte como uma composição coletiva entre humano e mundo invisível, um diálogo em que a matéria ressoa com a música universal.

A sequência de capítulos – A fonte, A roteirista, A filha da chuva, entre outros – tece o grande encontro de personagens centrais. A praça se torna o palco do destino compartilhado, onde Thomas, Marlui (a jovem indígena), Gabriella e seus filhos, Vera e Jonas, convergem.

O encontro de culturas em *O Músico* articula a noção de hibridismo cultural, como proposto por Néstor García Canclini (2003). A fusão entre a cosmovisão indígena, a música erudita e a modernidade urbana exemplifica como culturas tradicionais e contemporâneas se entrelaçam, produzindo novas formas de conhecimento e expressão. Heloísa Prieto, portanto, constrói uma narrativa intercultural, desafiando hierarquias coloniais de saber.

A atmosfera é carregada de premonição e reconhecimento intuitivo: “Naquela tarde, Thomas saiu de casa um pouco integrado, invadido por um medo difuso.” (p. 36). Esse pressentimento, como uma nota dissonante, antecipa os perigos à frente.

Entre os excertos do Diário de Thomas, o leitor é presenteado com reflexões poéticas como esta: “Viver é fluir como um rio” (p. 37). Essa imagem do rio, fluido e inevitável, ressoa com a cosmovisão dos povos originários, especialmente a sabedoria Guarani, que permeia o livro por meio de Marlui e de seu avô. A ligação de Thomas com Marlui é instantânea e transcende palavras, como se ambos compartilhassem uma melodia ancestral comum.

A imagem do rio como metáfora da vida remete à cosmologia Guarani, descrita por Bartomeu Melià (1987), para quem o movimento constante da água simboliza o próprio ciclo vital e espiritual. Essa imagem ecoa a ideia de ancestralidade fluida, na qual vivos e mortos compartilham um mesmo fluxo de existência – uma visão de mundo que desmonta a separação ocidental entre natureza e cultura (Viveiros de Castro, 2002).

A trama se adensa quando Thomas é seduzido por Dr. Alonso e sua filha Dora, figuras que misturam o fascínio pelo talento com o desejo de controle. Alonso representa uma tradição perversa de apropriação da arte e do espírito criativo, algo que Vera e Jonas, professores e amigos, já conhecem bem, uma vez que Alonso já havia comprometido o psicológico de outros estudantes da Universidade, todos relacionados à arte.

A casa luxuosa de Alonso torna-se uma prisão dourada, uma versão moderna do mito de Orfeu descendo ao submundo em busca de Eurídice – só que, aqui, é Thomas quem deve ser resgatado.

O romance vai além da fábula musical e aprofunda-se em reflexões sobre cultura, colonialismo e saberes indígenas. Marlui, estudante de Direito e guardião da sabedoria ancestral,

expressa com firmeza sua crítica à visão de progresso da sociedade ocidental: “Por acaso a poluição é sinal de evolução? Segregação? Racismo? Nós respeitamos a ciência de vocês, mas eu queria muito que vocês também fizessem o mesmo com a nossa Sabedoria Tradicional.” (p.173). Esse diálogo coloca a cultura indígena como protagonista, deslocando-a da posição de exotismo para a de fonte legítima de conhecimento e filosofia de vida.

Esse posicionamento dialoga diretamente com a crítica pós-colonial, especialmente nas formulações de Boaventura de Sousa Santos (2021). Para Santos, a modernidade ocidental impõe uma monocultura do saber, invisibilizando epistemologias não-europeias, como os conhecimentos indígenas, que são frequentemente reduzidos a mitos ou folclore. Em *O Músico*, Marlui reivindica o direito ao conhecimento ancestral, reposicionando-o como ciência legítima.

Outro momento brilhante é a releitura crítica do mito de Orfeu por Marlui: “[...] eu não gosto muito dessa tal de Eurídice [...] Por que ela não fugiu do inferno para encontrar Orfeu do lado de fora? [...] de modo que era só ela avisar, dizer ou fazer algo que garantisse ao seu amado que ela o seguia. Ela poderia tocá-lo, talvez atirar um pedregulho para frente no caminho” (p.184)

Essa reflexão de Marlui insere-se nas revisões feministas dos mitos clássicos, conforme analisado por Simone de Beauvoir (2009) e Marina Warner (1994). Ao questionar a passividade de Eurídice, Marlui reivindica o protagonismo feminino, propondo uma heroína ativa, capaz de agir por conta própria. Essa ressignificação de narrativas tradicionais é fundamental na crítica feminista da literatura.

Com essa reflexão, Marlui atualiza o mito clássico, introduzindo o empoderamento feminino e a capacidade de agência das mulheres – um contraponto ao modelo passivo de heroína submissa.

A transformação interior das personagens é sintetizada no despertar de Gabriella, que percebe o verdadeiro significado de família: “Na clareira, cercada de música, Gabriella percebeu que a palavra 'família' abrigava todos os seres.” (p.187). Essa percepção ecoa a cosmovisão indígena, onde humanos, animais, plantas e espíritos compartilham o mesmo tecido de existência.

A ideia de uma teia da vida, onde todos os seres compartilham agência e importância, é central na ecologia de saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos (2021). Esse conceito desafia a separação hierárquica entre humano e não-humano, propondo uma visão ontologicamente relacional (Descola, 2006). *O Músico*, ao valorizar essa visão, aproxima-se de uma literatura decolonial, que reconhece a riqueza de epistemologias marginalizadas.

O avô de Marlui, ao explicar a morte de um amigo, oferece uma visão profundamente poética e espiritual da vida e da morte: “Kaue está apenas do outro lado do rio, na terceira margem, onde habitam nossos ancestrais.” (p. 99). Essa concepção da morte como passagem e continuidade, em contraste com a ideia de fim absoluto, é outro elemento que fortalece o diálogo entre culturas.

A escrita de Heloísa Prieto, como em toda sua obra, é fluida, sensorial e simbólica. Cada cena e cada personagem carregam camadas de significado, convidando o leitor a se envolver em uma trama que vai muito além da superfície. Mais do que um romance sobre música, é uma obra que celebra a pluralidade cultural e a resistência das vozes ancestrais em um mundo marcado por tentativas de silenciamento e apagamento.

Heloísa Prieto é uma autora de destaque na literatura brasileira contemporânea, reconhecida por sua escrita sensível e pela valorização da diversidade cultural. Sua trajetória reflete um compromisso com a arte, a educação literária e a formação de leitores críticos. Doutora em Literatura Francesa pela USP e mestra em Comunicação pela PUC-SP, atua como escritora, tradutora, coordenadora de coleções e professora de oficinas de criação literária. Paulistana, é estudiosa da literatura gótica e das narrativas fantásticas, temas que permeiam sua obra.

Autora de mais de 100 livros para crianças e jovens, construiu uma carreira premiada, com quatro Jabutis, dois prêmios da União Brasileira de Escritores e mais de noventa reconhecimentos literários. Criaturas sobrenaturais, pactos mágicos, literatura fantástica, terror e ficção científica povoam seu universo criativo, em que personagens urbanos e míticos coexistem.

Obras como *Lenora*, *Ian e a música das esferas*, *Balada e Gnomos e duendes* exemplificam sua versatilidade e o diálogo entre culturas que caracteriza sua produção. Em *O Músico*, essa pluralidade estética e simbólica alcança um novo patamar, unindo mitologia, música e saberes ancestrais em uma narrativa que reafirma a potência da arte como forma de resistência e reconexão com o ancestral.

Considerações finais

O Músico é uma obra de múltiplas camadas, que entrelaça música, mitologia e cultura indígena em uma narrativa sensível e atual. Heloísa Prieto constrói uma história em que o invisível e o ancestral não são apenas pano de fundo, mas agentes vivos, cuja presença desafia conceitos de realidade, arte e progresso. Mais do que uma fábula musical, *O Músico* é um

convite à reaproximação com os saberes tradicionais, à valorização da diversidade e à celebração da arte como força libertadora.

Originalmente escrito em inglês, o livro conta com contribuições valiosas, como o prefácio do músico Estas Tonne, o posfácio do escritor indígena Daniel Munduruku e a orelha assinada pelo poeta e tradutor Victor Scatolin. Com uma prosa refinada e simbólica, *O Músico* é uma obra sofisticada que mescla mistério, fantasia e cultura, deixando uma marca duradoura no leitor.

A leitura de *O Músico* permite inscrevê-lo no campo da literatura fantástica brasileira contemporânea, que, segundo David Roas (2014), introduz o insólito e tensiona as fronteiras entre realidade e imaginação para questionar discursos dominantes. Ademais, a obra se insere em uma tradição de literatura indígena e indigenista, em diálogo com autores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Ailton Krenak, valorizando a oralidade e os saberes ancestrais como potências narrativas.

Com prosa delicada e profunda, Heloísa Prieto apresenta um livro que ecoa como uma melodia persistente – tanto na mente quanto no coração.

A obra apresenta riqueza simbólica e cultural e oferece contribuições significativas para a educação, a crítica literária e a formação cultural, ao promover um diálogo entre arte, ancestralidade e resistência. Essa abordagem amplia o campo de leitura da obra e a consolida como um exemplo expressivo da literatura fantástica de perspectiva decolonial no Brasil contemporâneo.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp, 2003.
- DESCOLA, Philippe. *Beyond nature and culture*, Proceedings of the British Academy, vol. 139. Trad. Bruno Ribeiro. British Academy, 2006. p. 137-155.
- FARIS, Wendy B. *Ordinary enchantments: magical realism and the remystification of narrative*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- MELIÀ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO Valmir Francisco. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987.
- PRIETO, Heloísa. *O músico*. Trad. Victor Scatolin. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2024.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Autêntica, 2021.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2002

WARNER, Marina. *From the beast to the blonde: on fairy tales and their tellers*. London: Vintage, 1994.

Recebido em 23 de abril de 2025

Aceito em 19 de outubro de 2025